

PREOCUPAÇÕES PARENTAIS: VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE MEDIDA

Susana Algarvio* & Isabel Leal
Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal

RESUMO: Pretende-se, com este estudo, discriminar áreas de preocupação parental, tendo por hipótese inicial de que os pais se preocupam, por um lado, com dificuldades sentidas nos filhos, reveladoras de problemáticas no desenvolvimento psico-afectivo e cognitivo das crianças e, por outro, com dificuldades várias associadas à função ou ao exercício da parentalidade.

Com este objectivo, temos vindo a desenvolver um instrumento de avaliação das preocupações parentais, tornando-se, agora, fundamental verificar a sua validade psicométrica. De um questionário inicial, apresentamos os resultados obtidos a partir de uma amostra de 302 pais de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 12 anos, que foram submetidos a análise factorial, visando a construção de uma escala de avaliação.

Os coeficientes de validade interna encontrados mostram-se fidedignos, por um lado, da validade global da Escala, por outro, das 5 sub-escalas encontradas. Estas 5 sub-escalas são: Problemas Familiares e Preocupações Escolares, Desenvolvimento Infantil, Preparação, Medos e Comportamentos Negativos.

Palavras chave: Escala de avaliação, Parentalidade, Preocupações parentais.

PARENTAL CONCERNS: VALIDATION OF AN INSTRUMENT OF EVALUATION

ABSTRACT: In order to discriminate areas of parental concern we started from the hypothesis that parents are concerned, on the one hand, with children's developmental and emotional issues, and on the other hand, with problems related to parenthood exercise or function.

We have had been developing an instrument of evaluation to accomplish this purpose. Now, we present the results of a questionnaire presented to 302 participants, parents of children between 0 and 12 years old that were submitted to factorial analysis for the construction of a scale, in order to validate its psychometric properties..

The results obtained show valid coefficients of internal validity for the total scale itself and for the 5 different sub-scales that were found. These 5 sub-scales consist of Family and School Problems, Child Development, Death and Moving, Fears and Negative Behaviours.

Key words: Parental concerns, Parenthood, Scale of evaluation.

O reconhecimento do impacto da problemática emocional dos pais na vida das crianças leva os técnicos de saúde e de educação a proporem diversas

* Contactar para E-mail: salgarvio@clix.pt

acções de formação ou programas de educação parental. É consensual a necessidade de ouvir as pessoas quanto às suas dificuldades, devendo mesmo qualquer intervenção psicológica ser sempre definida a partir daquilo que as pessoas sentem, pensam ou mesmo a partir do seu comportamento (Winnicott, 1995). No entanto, verificamos, ao consultar a bibliografia existente sobre o tema, que os estudos sistemáticos sobre as preocupações parentais de um grupo alargado de pais são praticamente inexistentes, o que se torna paradoxal na medida em que sabemos que toda a informação que não é sentida como necessária não é tomada em consideração.

Esta escassez bibliográfica torna-se paradoxal quando se observa uma extensa bibliografia relativamente a questões do desenvolvimento infantil na sua relação com as figuras parentais, na área da educação parental ou mesmo na psicopatologia. Nada nos garante que os pais estejam preocupados com o que os técnicos consideram importante para o desenvolvimento da criança. Corre-se o risco de os técnicos não encontrarem eco nas suas acções formativas e informativas e de os pais não encontrarem eco para as suas queixas, dado que repetidamente junto de técnicos de educação e de saúde, os pais obtêm respostas evasivas e de banalização dos problemas que colocam. Estas respostas que servem o objectivo de tranquilizar os pais, irão acentuar sentimentos de culpabilidade e de incompetência face às questões apresentadas na relação com os seus filhos (Brazelton, 1992; Cramer, 1991; Diniz, 1997; Winnicott, 1995).

Deste modo, pensamos que é fundamental o desenvolvimento de um instrumento de avaliação que nos permita avaliar as preocupações parentais, numa óptica de aprofundamento dos conhecimentos de todo o processo de construção, manutenção, redução e aumento das preocupações dos pais na sua relação com os filhos e, na sua vertente mais pragmática, servir como um auxiliar simplificado, que permita de uma forma rápida avaliar a frequência e intensidade das preocupações dos pais, visando a intervenção junto de grupos alargados de pais ou de grupos específicos de pais ou de crianças.

Definição do conceito Preocupações Parentais

Na pesquisa bibliográfica efectuada, encontramos um estudo longitudinal efectuada por Mesibov, Schroeder, e Wesson (1993), onde os autores tentaram identificar as preocupações parentais de um elevado número de pais e outro estudo que lhe deu seguimento elaborado por Kanoy e Schroeder (1993) que consistiu na implementação de estratégias para lidar com as diferentes preocupações encontradas.

A maioria dos autores americanos aborda esta questão directamente ligada a dimensões práticas de resolução de problemas encontrados na criança e sentidos pelos pais. O estudo de Mesibov et al. (1993) aborda as preocupações parentais enquanto dificuldades sentidas pelos pais que os leva a telefonar para

um serviço de atendimento telefónico à procura de ajuda. Este estudo de natureza longitudinal permitiu aos autores definir um conjunto de categorias que utilizámos para a construção da nossa escala.

Brazelton e Cramer são dois dos autores que apresentam um longo trabalho na área da intervenção parental. Sem fazer referência ao conceito de preocupação parental, Cramer (1991) considera que uma "... queixa ou inquietação relativa à criança" leva os pais a procurarem ajuda especializada. Brazelton (1995), no mesmo sentido, refere que os pais ao sentirem-se ansiosos em relação à criança sentem necessidade de encontrar respostas para fazer face às dificuldades sentidas. Encontramos aqui uma dimensão ligada a um estado afectivo ou emocional, sentimento de mal estar ou mesmo de medo, que conduz a uma queixa, que podemos associar a uma dimensão cognitiva e consciente e, por último, a procura da solução, ligada à acção.

Segundo esta perspectiva, a definição de preocupação parental aparece associada ao sintoma percebido na criança. Esta forma de análise, que podemos considerar parcelar, poderá resolver as dificuldades sentidas pelos pais resultantes de dificuldades específicas das crianças. No entanto, tal como refere Winnicott, "a normalidade ou saúde, está ligada à maturidade e não à inexistência de sintomas" (1993, p. 147). Acrescentando ainda que, uma criança pode ter vários sintomas considerados gritantes mas próprios de um desenvolvimento saudável, enquanto outra criança onde os mesmos sintomas estejam ausentes pode, por seu lado, estar gravemente perturbada (Debray, 1988; Winnicott, 1975, 1993, 1995). Sabemos, ainda que sintomas considerados normativos do desenvolvimento podem, ao ser reforçados mediante certos comportamentos e atitudes parentais, tornar-se preocupantes em termos psicológicos.

As preocupações parentais integram-se num conceito mais abrangente que alguns autores referem de função parental. Encontramos referências às modificações do aparelho psíquico do indivíduo quando se torna mãe ou pai de uma criança a partir dos anos 50 do século passado, com os trabalhos de Winnicott, (Bléandonu, 2003; Houzel, 1997). A preocupação maternal primária é um conceito descrito por Winnicott que reenvia para um estado de disponibilidade que possibilita a mãe estar atenta às necessidades da criança durante a primeira infância. Houzel refere a importância dos estudos de Bribing relativamente aos processos intrapsíquicos que se produzem na gravidez e de Racamier para a construção do processo de maternalização. No entanto, o conceito de parentalidade, que diz respeito a ambos os pais, aparece, segundo o mesmo autor, numa primeira ocorrência num texto de Clément de 1985.

Parece ser consensual nos autores franceses de que tornar-se pai ou mãe de uma criança constitui uma fase do desenvolvimento psíquico (Bléandonu, 2003; Green, 1997; Houzel, 1997). Para Houzel (1997) o termo parentalidade designa o processo através do qual nos tornamos pais do ponto de vista psíquico, conceito que abrange ambos os pais. Etimologicamente parentalidade designa a qualidade de progenitor (Bléandonu, 2003).

Esta mudança decorrente do processo de parentalidade em ambos os pais leva à construção de um aparelho psíquico do casal (Anzieu & Kaes, cit. Lejeune, 1997) que implica um duplo investimento na criança através do psiquismo materno e paterno (Lejeune, 1997). Este espaço reservado à criança no inconsciente dos pais vai possibilitar o nascimento da vida psíquica do bebé (Lejeune, 1997). No entanto, esta criança que corresponde à projecção dos pais irá implicar o passado e o futuro da história familiar (Guillaume, 1997), sendo fundamental para uma parentalidade satisfatória um equilíbrio evolutivo entre o investimento narcísico (o outro como si mesmo) e o investimento objectal (o outro por si próprio). Face à sua complexidade, a parentalidade pode num momento ou noutro levantar problemas nas famílias normais ou próximas da normalidade. (Bléandonu, 2003).

Deste modo, alguns autores falam em funcionamento parental e na necessidade de desenvolver uma função de pensar parental, que tenha em consideração as necessidades da criança que podem ser antagónicas das necessidades dos pais, enquanto pessoas ou mesmo enquanto casal (Guillaume, 1997; Rosenbaum, 1997). Cramer (1991) reforça esta ideia, ressaltando a importância da função parental, na medida em que os pais com frequência actuam o conflito edípico, levando a criança a alinhar no seu Édipo. Os pais, ao reviverem o seu próprio Édipo na situação triangular, terão que ultrapassar para que a criança possa também resolver os seus conflitos, na medida em que é fundamental a atitude dos pais de securização e de estabelecimento de limites às necessidades instintivas da criança (Winnicott, 1993). Segundo este autor, os pais funcionam também de forma ambivalente, por um lado, querem que o filho cresça, seja autónomo e os liberte da vigilância imposta na primeira infância, por outro lado, não totalmente consciente, não querem muitas vezes desistir da função parental ligada à primeira infância.

Surge, deste modo, a ideia de que a função parental deverá ser também um processo em desenvolvimento, ou seja, em função das necessidades decorrentes do desenvolvimento da criança.

Houzel (1997) define três dimensões da parentalidade que coexistem mas funcionam a níveis de experiência diferentes: o exercício, a experiência e a prática da parentalidade. A primeira remete para a identidade da parentalidade nos seus aspectos fundadores e organizadores. Este termo foi escolhido enquanto referência do aspecto fundador do exercício judiciário de um direito ou obrigação. A experiência refere-se às funções da parentalidade e aos aspectos subjectivos conscientes e inconscientes do processo de parentalização. Na prática encontramos as qualidades de parentalidade e os aspectos mais ou menos observáveis das relações entre pais e filhos.

Voltando ao conceito de preocupação parental parece situar-se na inquietação, ansiedade ou medo relativamente à função parental que, dependerá não só das dificuldades inerentes ao desenvolvimento infantil mas também dependerá do equilíbrio entre o investimento narcísico e/ou objectal dos pais.

Avaliação do conceito Preocupações Parentais

Mesibov, Schroeder, e Wesson (1993), como já atrás foi referido, realizaram dos poucos estudos encontrados sobre esta temática. Iniciaram em 1973 um estudo longitudinal numa clínica pediátrica, onde desenvolveram um serviço multidisciplinar de atendimento telefónico “call in” para dar resposta às preocupações dos pais e um serviço “come-in” nas situações consideradas mais problemáticas. Face às diferentes preocupações expostas, os pais eram atendidos por técnicos de diferentes áreas, médicos, psicólogos, técnicos de serviço social, enfermeiros, fisioterapeutas, entre outros. As preocupações foram definidas a partir da queixa dos pais na sua relação com os filhos, sendo elaborada uma série de categorias de preocupação e somada a sua frequência em termos de chamadas telefónicas recebidas.

A necessidade de construção de uma escala de avaliação prende-se, por um lado, com a necessidade de intervir eficazmente, por outro lado, segundo Streiner e Norman (1989, cit. Matos, Leal, & Ribeiro, 2000), uma das razões que justifica a construção de um novo instrumento de medida prende-se com a inexistência de escalas para medir novos conceitos que surgem na investigação e na intervenção.

Neste caso específico, estudos demonstram inclusive que ao consultarem uma listagem de preocupações parentais, os pais referem um maior número de preocupações do que referindo-se apenas às suas preocupações expressas (Kanoy & Schroeder, 1993). Este facto pode igualmente ser observado em reuniões de pais, onde os pais não manifestam preocupações em relação aos seus filhos, sendo que após um pai ou uma mãe ter referenciado as suas dificuldades, muitos outros pais se juntam (Winnicott, 1995).

Objectivos

Tendo como principal objectivo a validação da escala de preocupações parentais, partimos do questionário inicial (Algarvio & Leal, 2002), construído a partir da série de categorias definidas no estudo de Mesibov, Schroeder, e Wesson (1993). Os resultados obtidos neste questionário foram submetidos a análise factorial, pretendendo-se estabelecer diferentes áreas de preocupação devidamente validadas e avaliar a frequência e intensidade de preocupação dos pais nessas diferentes dimensões.

MÉTODO

Participantes

O questionário apresentado num estudo anterior (Algarvio & Leal, 2002) foi aplicado a um grupo de 302 pais de crianças com idades compreendidas

entre os 0 e os 12 anos. Os participantes consistiram de pais de crianças que frequentavam os estabelecimentos de infância da Santa Casa da Misericórdia de Oeiras, creches, jardins de infância e ateliers de tempos livres, durante os meses de Abril de 1999. Os pais são caracterizados a partir da idade dos filhos uma vez que na nossa hipótese inicial, as preocupações dos pais estariam associadas a diferentes idades das crianças (Mesibov et al., 1993), resultados que brevemente serão apresentados em futuras publicações.

Quadro 1

Distribuição das crianças por sexo e idade

Idade crianças	Sexo masculino	%	Sexo feminino	%	Total	%
0-1	5	1,66	5	1,66	10	3,31
1-2	7	2,32	11	3,64	18	5,96
2-3	16	5,30	10	3,31	26	8,61
3-4	18	5,96	18	5,96	36	11,92
4-5	31	10,26	26	8,61	57	18,87
5-6	28	9,27	25	8,28	53	17,55
6-7	18	5,96	22	7,28	40	13,25
7-8	7	2,32	12	3,97	19	6,29
8-9	13	4,30	6	1,99	19	6,29
9-10	4	1,32	11	3,64	15	4,97
10-11	6	1,99	2	0,66	8	2,65
11-12	0	0	1	0,33	1	0,33
Total	153	50,66	149	49,34	302	100,00

Material

Dos resultados obtidos no questionário aplicado, foram retiradas as 37 questões que constituíram motivo de preocupação (Algarvio & Leal, 2002) para mais de 50% dos pais ou, visto de outra forma, cuja percentagem na opção de resposta “não se aplica” fosse superior a 50%, o que considerámos como não se aplicando à maioria dos pais. As 37 questões consideradas motivo de preocupação da maioria dos pais foram sujeitas ao tratamento estatístico de Análise Factorial. Utilizou-se a aplicação informática SPSS para o Windows 98, tendo-se escolhido uma rotação varimax. Das possibilidades que se apresentaram considerámos os 5 factores a melhor opção na criação das várias sub-escalas, como o demonstra os índices de validade encontrados, como 0,80 (alfa de Cronbach) para o total da Escala.

Os cinco factores encontrados permitiram-nos a criação de 5 sub-escalas: Problemas familiares e preocupações escolares, com uma validade de 0,88 segundo o alfa de Cronbach, Desenvolvimento infantil, com uma validade de 0,89, Preparação, validade de 0,74, Medos, validade de 0,77 e comportamentos negativos com uma validade de 0,93. A Escala de Preocupações Parentais ficou, então, assim definida:

I. Sub-Escala de Problemas Familiares e Preocupações Escolares

1. Em caso de separação dos pais qual deve ficar com a custódia da criança (4)
2. Os pais não estarem de acordo em relação às regras e disciplina (8)
3. Se a criança tem o que precisa na escola (10)
4. A professora/educadora entender a criança (17)
5. Os pais discutirem muito (18)
6. A criança ser sujeita a maus tratos (25)
7. O que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais (27)
8. Se a criança está preparada para ir para a escola (32)

II. Sub-Escala de Desenvolvimento Infantil

1. O que a criança deve comer (6)
2. A criança comer pouco (7)
3. A criança não comer certos alimentos (35)
4. A criança ter o sono agitado (14)
5. A criança ter dificuldade em adormecer (33)
6. A criança ter pesadelos (2)
7. A criança queixar-se de dores de barriga (30)
8. A criança queixar-se de dores de cabeça (13)

III. Sub-Escala de Preparação

1. Como preparar a criança para mudar de casa (11)
2. A criança entender o que é a morte (12)
3. A criança entender a morte de alguém próximo (31)

IV. Sub-Escala de Medos

1. A criança ter medos (28)
2. A criança ter medo do escuro (20)
3. A criança ter medo de animais (9)
4. A criança ter medo do papão ou de monstros (36)

V. Sub-Escala de Comportamentos Negativos

1. A criança não dar atenção ao que os pais dizem (1)
2. A criança controlar dificilmente os comportamentos (3)
3. A criança não obedecer (5)
4. A criança sujar-se muito (15)
5. A criança fazer birras (16)
6. A criança não gostar de partilhar (19)
7. A criança não querer ir para a cama (21)
8. A criança ser mandona e exigente (22)
9. A criança ser muito dependente (34)
10. A criança não assumir responsabilidades (23)
11. A criança chorar e/ou gritar muito (24)
12. A criança queixar-se muito (29)
13. A criança mentir (26)
14. A criança ser muito activa (37)

Ao ser apresentada aos pais, esta Escala assume o aspecto apresentado em Anexo (1), com seis possibilidades de resposta, em escala tipo Likert, entre preocupo-me muitíssimo, bastante, razoavelmente, pouco, nada ou, ainda, não se aplica.

Procedimento

O desenho de investigação pode ser considerado como observacional-descriptivo transversal, uma vez que o nosso objectivo foi a recolha de informação acerca de uma determinada população num determinado momento (Ribeiro, 1999).

Foi mantida a posição assumida no questionário inicial para as diferentes questões agora constituintes da Escala (ver Anexo 1).

O procedimento seguido já foi referenciado numa publicação anterior (Algarvio & Leal, 2002), visto que os resultados obtidos para a totalidade do questionário, foram agora analisados especificamente para as 37 questões que passaram a constituir a versão final da Escala elaborada.

No entanto, poderemos voltar a referir que os questionários foram colocados em envelopes abertos, com uma carta de rosto a explicar os objectivos da investigação e a garantia de confidencialidade e anonimato dos dados preenchidos. Estes envelopes foram entregues em mão às professoras e educadoras, que por sua vez se encarregaram de os entregar aos pais, com uma breve explicação. Os pais preencheram os questionários, fecharam os envelopes, para garantir a confidencialidade, voltaram a entregar às professoras e educadoras que, por sua vez nos devolveram a nós, com um retorno de 40%, percentagem que atingiu os 66% no grupo de crianças dos 3 aos 5 anos, o que pensamos demonstrar a importância da intervenção junto das famílias antes da idade escolar.

RESULTADOS

Os resultados obtidos na sub-escala “Problemas familiares e preocupações escolares” revelam médias de preocupação muito elevadas, entre o bastante e o muitíssimo preocupante (Quadro 2).

Quadro 2

Sub-Escala I. Problemas familiares e preocupações escolares

	<i>N</i>	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	Desvio Padrão
1. Custódia	161	2,31	1	5	2	1,48
2. Regras e disciplina	192	2,53	1	5	2	1,16
3. O que precisa na escola	277	2,23	1	5	2	1,06
4. Prof. entende criança	268	2,23	1	5	2	1,19
5. Pais discutirem	160	2,45	1	5	2	1,29
6. Maus tratos	159	1,45	1	5	1	0,89
7. O que dizer separação	184	2,02	1	5	2	1,12
8. Preparada para a escola	206	2,49	1	5	2	1,25

O item considerado de maior preocupação para os pais é o de maus tratos, 1,45, não só no que se refere a esta sub-escala mas também no que se refere ao total da escala. Seguem-se a preocupação com o que dizer à criança em caso de

separação dos pais, 2,02, referente a problemas familiares, se a criança tem o que precisa na escola, 2,23, e se a professora entende a criança, 2,23, preocupações consideradas escolares. Apresentam valores de preocupação mais baixos em relação aos anteriores, mas igualmente elevados face ao total da escala, a preocupação com quem fica com a custódia da criança em caso de separação dos pais, 2,31, os pais discutirem muito, 2,45, e ainda os pais discordarem quanto a regras e disciplina, 2,53, preocupações associadas a problemas familiares, e se a criança está preparada para ir para a escola, 2,49, preocupação escolar.

As preocupações na sub-escala “Desenvolvimento infantil” situam-se entre o bastante e o razoavelmente (Quadro 3).

Quadro 3

Sub-Escala II. Desenvolvimento infantil

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	Desvio Padrão
1. O que deve comer	274	2,22	1	5	2	1,05
2. Comer pouco	204	2,79	1	5	3	1,18
3. Comer cert. Alimentos	214	3,00	1	5	3	1,13
4. Sono agitado	199	2,66	1	5	3	1,08
5. Dificuldade adormecer	163	3,13	1	5	3	1,11
6. Pesadelos	177	2,97	1	5	3	1,17
7. Dores de barriga	211	2,68	1	5	3	1,08
8. Dores de cabeça	181	2,17	1	5	2	1,23

A criança ter dores de cabeça, 2,17 e o que a criança deve comer, 2,22, são os itens de maior preocupação, onde a média dos pais se encontram bastante preocupados. Ter o sono agitado, 2,66, dores de barriga, 2,68, e comer pouco, 2,79, preocupam entre bastante e razoavelmente os pais e, por último, ter pesadelos, 2,97, dificuldade em adormecer, 3,13, ou não comer certos alimentos, 3,0, preocupa razoavelmente a média do total dos pais.

As preocupações na sub-escala “Preparação” situam-se entre o bastante e o razoavelmente (Quadro 4).

Quadro 4

Sub-Escala III. Preparação

	N	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	Desvio Padrão
1. Mudar de casa	156	3,41	1	5	3	1,25
2. Morte	229	3,10	1	5	3	1,16
3. Morte alguém próx.	220	2,80	1	5	3	1,22

A preocupação com a criança entender a morte de alguém próximo apresenta-se com a média mais elevada nesta sub-escala, com um valor de 2,80, entre o bastante e o razoavelmente, seguido da preocupação com a criança entender o que é a morte 3,10 e, por último a preocupação com o que dizer à criança quando muda de casa, 3,41.

As preocupações na sub-escala “*Medos*” situam-se entre o bastante e o razoavelmente (Quadro 5)

Quadro 5

Sub-Escala IV. Medos

	<i>N</i>	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	Desvio Padrão
1. Medos	230	2,82	1	5	3	1,05
2. Medo do escuro	217	3,17	1	5	3	1,12
3. Medo de animais	166	3,56	1	5	4	1,02
4. Medo papão/monst.	166	3,21	1	5	3	1,13

A criança ter medos preocupa razoavelmente os pais, com uma média de 2,82, valor de preocupação que diminui significativamente quando os medos são discriminados, medo do escuro um valor médio de 3,17, o medo do papão ou de monstros, 3,21 e o medo de animais 3,56.

As preocupações na sub-escala “*Comportamentos negativos*” são apresentadas no Quadro 6.

Quadro 6

Sub-Escala V. Comportamentos negativos

	<i>N</i>	Média	Mínimo	Máximo	Mediana	Desvio Padrão
1. Não dar atenção	238	2,75	1	5	3	1,02
2. Controlar comport.	189	2,89	1	5	3	1,24
3. Não obedecer	226	2,77	1	5	3	1,05
4. Sujar-se	256	4,24	1	5	5	0,91
5. Birras	256	3,18	1	5	3	1,06
6. Não partilhar	190	2,95	1	5	3	1,16
7. Não ir para a cama	213	3,39	1	5	3	1,06
8. Mandão e exigente	204	3,26	1	5	3	1,09
9. Dependente	167	3,18	1	5	3	1,15
10. Não assumir resp.	162	2,82	1	5	3	1,16
11. Chorar e/ou gritar	165	2,98	1	5	3	1,18
12. Queixar-se	169	2,86	1	5	3	1,17
13. Mentir	190	2,65	1	5	3	1,13
14. Muito activo	242	4,23	2	5	5	0,96

O item com o valor médio mais elevado desta sub-escala é a preocupação com a criança mentir, 2,65, seguido da criança não dar atenção ao que os pais dizem, 2,75, não obedecer, 2,77, não assumir responsabilidades, 2,82, queixar-se, 2,86, controlar dificilmente o comportamento, 2,89, não partilhar, 2,95, e chorar e/ou gritar muito, 2,98. Estes valores situam-se próximos do razoavelmente. Menor preocupação suscita a criança fazer birras e ser muito dependente, 3,18, ser mandona e exigente, 3,26, não querer ir para a cama, 3,39. Preocupa entre pouco e nada os pais a criança ser muito activa, 4,23 e sujar-se muito, 4,24, valores médios de preocupação mais baixos encontrados em toda a escala.

As médias para cada sub-escala são apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7

Médias Totais de cada Sub-Escala

Sub-escalas	Média
I. Sub-escala Problemas Familiares e Preocupações Escolares	2,21
II. Sub-escala Desenvolvimento Infantil	2,70
III. Sub-escala Preparação	3,11
IV. Sub-escala Medos	3,19
V. Sub-escala Comportamentos Negativos	3,15

A sub-escala de problemas familiares e preocupações escolares apresenta-se como a área de preocupação de maior intensidade dos pais, com uma maioria de pais bastante preocupados com os seus diversos itens, média de 2,21, seguida da sub-escala de desenvolvimento infantil com uma média de 2,70, valor situado entre o bastante e o razoavelmente preocupados. A sub-escala de preparação e a sub-escala de comportamentos negativos preocupam razoavelmente a média dos pais, com valores de 3,11 e 3,15 respectivamente. A sub-escala de medos apresenta-se como a área de menor preocupação dos pais com um valor de 3,19.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos permitiram-nos construir uma escala cujas características de validade apontam para coeficientes elevados e indicadores da pertinência do instrumento. A escala apresenta uma validade de 0,80 segundo o alfa de Cronbach, sendo os coeficientes das sub-escalas de 0,88 para a sub-escala de problemas familiares e preocupações escolares 0,89 para a sub-escala de desenvolvimento infantil, 0,74, para a sub-escala de preparação, 0,77 para a sub-escala de medos e 0,93 para a sub-escala de comportamentos negativos.

A sub-escala com a média de preocupação parental mais elevada é a sub-escala “Problemas familiares e preocupações escolares”, atingindo o valor máximo no item maus tratos, seguido do item relativo à separação dos pais. Este resultado afasta-se do esperado na medida em que a maioria das crianças não é sujeita a maus tratos nem está a passar por um processo de separação dos pais. Parece-nos que estes dados vêm confirmar a necessidade por nós sentida de definir o conceito de preocupações parentais para além dos sintomas apresentados pelas crianças, uma vez que tivemos o cuidado de pedir, no cabeçalho do instrumento, aos pais para que respondessem de acordo com aquilo que os preocupa em relação ao seu filho. O facto de uma percentagem significativa de pais não ter respondido de acordo com aquilo que se passa na realidade com a criança permite-nos confirmar a ideia de Bléandonu (2003) de que a função parental dependerá do equilíbrio evolutivo entre o investimento narcísico e o investimento objectal. Neste caso parece haver um predomínio do

investimento narcísico que se apresenta preponderante relativamente ao investimento objectal.

A preocupação menos intensa surgir na sub-escala “Medos” vem, do mesmo modo, confirmar a dificuldade da maioria dos pais em preocupar-se com os medos dos filhos, não se conseguindo afastar dos seus próprios medos, ou dito de outra forma, das suas próprias preocupações.

Na sub-escala “Desenvolvimento infantil” encontramos como itens mais preocupantes as dores de cabeça e o que a criança deve comer, novamente preocupações ligadas à função parental mas que se relacionam com a competência materna ou paterna mais do que com dificuldades específicas da criança.

Os comportamentos negativos considerados mais preocupantes são a criança mentir, não dar atenção ao que os pais dizem e não obedecer, comportamentos que poderão atestar a qualidade do exercício parental.

Este trabalho vem reforçar a ideia de que a investigação nesta área é necessária e muito pertinente. Pretendemos continuar este trabalho de validação deste instrumento com outras populações assim como na construção teórica deste conceito cuja importância é evidente na prática clínica mas que se apresenta muito pouco desenvolvido ao nível da investigação.

REFERÊNCIAS

Algarvio, S., & Leal, I. (2002). Parental concerns: Construction of an instrument of evaluation. In I. Leal, T. Botelho, & J. Pais-Ribeiro (Eds.), *Proceedings of the 16th Conference of the European Health Psychology Society – Health through the life cycle: A life span perspective* (pp. 165-172). Lisboa: ISPA.

Bléandonu, G. (2003). *Apoio terapêutico aos pais*. Lisboa: Climepsi editores.

Brazelton, T.B. (1992). *O que todo o bebé sabe*. S. Paulo: Martins Fontes.

Cramer, B. (1991). *Profissão: Bebê*. Lisboa: Terramar.

Debray, R. (1988). *Bebés/Mães em revolta – Tratamentos psicanalíticos conjuntos dos desequilíbrios psicossomáticos precoces*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Diniz, J.S. (1997). *Este meu filho que eu não tive – A adopção e os seus problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

Green, V. (1997). Le travail avec les parents. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, 72-93.

Guillaume, J.C. (1997). Les parents, l'enfant et le psychanalyse. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, 48-71.

Houzel, D. (1997). Les dimensions de la parentalité. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, 165-189.

Kanoy, K., & Schroeder, C. (1993). Suggestions to parents about common behaviour problems in a pediatric primary care office. In M. Roberts, G. Koocher, D.

Routh, & D. Willis (Eds.), *Readings in Pediatric Psychology* (pp. 317-332). New York: Plenum Press.

Lejeune, E. (1997). Editorial. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, 9-18.

Matos, I., Leal, I., & Ribeiro, J. (2000). Validação preliminar de uma técnica de avaliação de feminino/materno. *Psicologia Saúde e Doenças*, 1(1), 69-78.

Mesibov, G., Schroeder, C., & Wesson, L. (1993). Parental concerns about their children. In M. Roberts, G. Koocher, D. Routh, & D. Willis (Eds.), *Readings in Pediatric Psychology* (pp. 307-316). New York: Plenum Press.

Rosenbaum, A. (1997). L'évaluation du fonctionnement parental: Un processus critique dans l'évaluation des enfants, pratiquée en vue d'une psychanalyse. *Journal de la Psychanalyse de l'enfant*, 21, 19-47.

Winnicott, D.W. (1975). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Winnicott, D.W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual*. S. Paulo: Martins Fontes

Winnicott, D.W. (1995). *Conversas com os Pais*. Lisboa: Terramar.

ANEXO 1

Escala de Preocupações Parentais

As questões que se seguem pedem-lhe a sua opinião acerca do que a/o preocupa actualmente em relação ao seu filho/a.

Responda, por favor, a cada uma das questões marcando com uma cruz (x) na opção que considera mais adequada à sua situação. Se não tiver a certeza de como responder a qualquer uma das questões, responda o melhor que puder e faça um comentário no espaço livre na margem direita da página. Se achar que a questão não lhe diz respeito devido à idade da criança ou por qualquer outra razão, ponha uma cruz na opção "não se aplica".

	IDADE DA CRIANÇA	_____ ANOS		_____ MESES			
		_____ F	_____ M				
	SEXO DA CRIANÇA						
		Muitíssimo	Bastante	Razoavelmente	Pouco	Nada	Não se aplica
1	Preocupa-me o meu filho não dar atenção ao que lhe digo	1	2	3	4	5	6
2	Preocupa-me o meu filho ter pesadelos	1	2	3	4	5	6
3	Preocupa-me o meu filho controlar dificilmente os seus comportamentos	1	2	3	4	5	6
4	Preocupa-me, em caso de separação dos pais, quem deve ficar com a custódia da criança	1	2	3	4	5	6
5	Preocupa-me o meu filho não me obedecer	1	2	3	4	5	6
6	Preocupa-me o que o meu filho deve comer	1	2	3	4	5	6
7	Preocupa-me o meu filho comer pouco	1	2	3	4	5	6
8	Preocupa-me os pais não estarem de acordo quanto às regras e disciplina	1	2	3	4	5	6
9	Preocupa-me o meu filho ter medo de animais	1	2	3	4	5	6
10	Preocupa-me se o meu filho tem o que precisa na escola	1	2	3	4	5	6

cont. →

Anexo (cont.)

	Muitíssimo	Bastante	Razoavelmente	Pouco	Nada	Não se aplica
11 Preocupa-me saber como preparar o meu filho para mudar de casa	1	2	3	4	5	6
12 Preocupa-me o meu filho entender o que é a morte	1	2	3	4	5	6
13 Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de cabeça	1	2	3	4	5	6
14 Preocupa-me o meu filho ter o sono agitado	1	2	3	4	5	6
15 Preocupa-me o meu filho sujar-se muito	1	2	3	4	5	6
16 Preocupa-me o meu filho fazer birras	1	2	3	4	5	6
17 Preocupa-me a educadora/professora entender o meu filho	1	2	3	4	5	6
18 Preocupa-me os pais discutirem muito	1	2	3	4	5	6
19 Preocupa-me o meu filho não gostar de partilhar	1	2	3	4	5	6
20 Preocupa-me o meu filho ter medo do escuro	1	2	3	4	5	6
21 Preocupa-me o meu filho não querer ir para a cama	1	2	3	4	5	6
22 Preocupa-me o meu filho ser mandão e exigente	1	2	3	4	5	6
23 Preocupa-me o meu filho não assumir responsabilidades	1	2	3	4	5	6
24 Preocupa-me o meu filho chorar e/ou gritar muito	1	2	3	4	5	6
25 Preocupa-me o meu filho ser sujeito a maus tratos	1	2	3	4	5	6
26 Preocupa-me o meu filho mentir	1	2	3	4	5	6
27 Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais	1	2	3	4	5	6
28 Preocupa-me o meu filho ter medos	1	2	3	4	5	6
29 Preocupa-me o meu filho queixar-se muito	1	2	3	4	5	6
30 Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de barriga	1	2	3	4	5	6
31 Preocupa-me o meu filho entender a morte de alguém próximo	1	2	3	4	5	6
32 Preocupa-me se o meu filho está preparado para ir para a escola	1	2	3	4	5	6
33 Preocupa-me o meu filho ter dificuldade em adormecer	1	2	3	4	5	6
34 Preocupa-me o meu filho ser muito dependente	1	2	3	4	5	6
35 Preocupa-me o meu filho não comer certos alimentos	1	2	3	4	5	6
36 Preocupa-me o meu filho ter medo do papão ou de monstros	1	2	3	4	5	6
37 Preocupa-me o meu filho ser muito activo	1	2	3	4	5	6